



# **magologías Ibéricas: construyendo la imagen del otro peninsular**

**Coordinadoras:**

**María Jesús Fernández García  
María Luísa Leal**

**35**

**SERIE ESTUDIOS PORTUGUESES**

**Imagologías Ibéricas:  
construyendo la imagen del otro peninsular**

**Coordinadoras:**

**María Jesús Fernández García**

**María Luisa Leal**

# Índice

Introducción <i>Las coordinadoras</i> .....	13
------------------------------------------------	----

## I. IMAGOLOGÍA, PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Diálogos ibéricos, imágenes, relaciones e interculturalidad luso- <sup>3</sup> españolas. <i>Daniel-Henri Pageaux</i> .....	19
La identidad como estereotipo: los estudios imagológicos frente a las coartadas de la Literatura <i>Enrique Santos Unamuno</i> .....	33

## II. IMÁGENES EN LA LITERATURA Y OTRAS ARTES

Arqueología de una estranheza ibérica: <i>O Mar de Madrid</i> de João de Melo. <i>Graciete Besse</i> .....	57
Quem é Júlia? Imagens de Portugal e Espanha em Álvaro Alves de Faria. <i>Graça Capinha</i> .....	75

### Imagologías ibéricas: construyendo la imagen del otro peninsular

© De esta edición:  
GOBIERNO DE EXTREMADURA  
Dirección General de Inversiones y Acción Exterior  
Gabinete de Iniciativas Transfronterizas

© Del texto: Los autores

Fotografía de cubierta: William Harvey;  
Geographical Fun (1869)

ISBN: 978-84-9852-350-8  
Depósito Legal: BA-1150-2012

Imprime:  
Artes Gráficas Rejas, S.L. (Mérida)



Miren ustedes, Leal da Câmara y España <i>Antonio Sáez</i> .....	215
Entre alofilias e xenofobias: imagologia da relação Portugal-Espanha em Mário de Carvalho, Viale Moutinho, Rentes de Carvalho e Nuno de Montemor. <i>Maria João Simões</i> .....	227
Un extremo en Estremadura: Lisboa, <i>la ciudad blanca</i> , en la mirada de Ángel Campos Pámpano. <i>Maria João Teles</i> .....	247
Da <i>cocotte</i> a D. Quixote: revisitando a imagem de Espanha em Eça de Queirós <i>Ana Luísa Vilela</i> .....	259
<b>III. LA CONSTRUCCIÓN HISTÓRICA DE LA IMAGEN:</b>	
Nacionalismo e mitologia nas relações entre Portugal e Espanha – a reflexão de Eduardo Lourenço <i>Maria Manuel Baptista</i> .....	281
El turista comprometido. Portugal rehabilitado por los hermanos Giner de los Ríos. <i>Ana Belén Cao</i> .....	293
La mirada oficial: la imagen de Portugal en la diplomacia española (1850-1860). <i>Ignacio Chato Gonzalo</i> .....	317
Calas en diacronía sobre la imagen de España y los españoles en Europa, 1492-1992. Una reflexión teórica contextualizada. <i>José Manuel López de Abiada</i> .....	359

El anti-turista y la imagen de España en la literatura holandesa de viajes. <i>Lily Coenen</i> .....	89
Lusismo versus castelhanismo: uma invenção novecentista. <i>Carlos Manuel Ferreira da Cunha</i> .....	101
La <i>imagine</i> de la proximidad-lejanía de Portugal en las escrituras de Martín Gaité y de otros escritores españoles. <i>Julie Dahl</i> .....	109
Mapas poéticos de Espanha: ressonâncias da hispanofilia na obra de Jorge de Sena. <i>Dora Gago</i> .....	127
Imágenes nodales (el ejemplo de Carmen) <i>Joep Leerssen</i> .....	137
Os demónios peninsulares: algumas notas sobre o sentimento religioso na obra narrativa de Eça de Queirós e de Pérez Galdós. <i>Gabriel Magalhães</i> .....	149
Camilo Castelo Branco e as imagens de Portugal em Miguel de Unamuno: lusofilia, representações e aporias. <i>José Cândido Oliveira Martins</i> .....	163
Imágenes de la Península Ibérica en la historiografía literaria romántica europea. <i>Santiago Pérez Isasi</i> .....	181
A peregrinação cronotópica de Magriço em Espanha: religião, identidade e alteridade em <i>Os Doze de Inglaterra</i> (1902), de Teófilo Braga <i>Rogério Miguel Puga</i> .....	199

<i>De João de Redondella a Os Galegos são nossos irmãos. Aproximação à imagem da Galiza e dos galegos em Portugal nos inícios do século XX.</i> <i>Carlos Pazos</i> .....	379
Viajes y Política durante el reinado de Amadeo de Saboya (1871-1873) <i>Beatriz Penalta</i> .....	387
Un triángulo imagológico en la Edad Moderna: España como azote de Portugal y los Países Bajos según Johan van Beverwik (1594-1697) <i>Yolanda Rodríguez Pérez</i> .....	405
El sueño del rey: imágenes providencialistas del poder real en el Renacimiento Peninsular. <i>Isabel Soler</i> .....	421
Imag-E-Nation studies. Aproximación al estudio de la imagen nacional y regional en internet. El caso extremeño. <i>Juan Manuel Vicente García</i> .....	437
IV. IMÁGENES DE LAS LENGUAS	
La representación del otro ibérico en manuales de portugués y español como lengua extranjera <i>Maª Jesús Fernández y Silvia Amador</i> .....	461
<i>Quando minha um português, mijam logo dois ou três. Quando minha um brasileiro, minha o mundo inteiro.</i> Fraseología portuguesa y hetero/autoimagen. <i>Ana Belén García Benito</i> .....	483
Inter(in)compreensões entre estudantes universitários portugueses e espanhóis: um estudo com chats e fóruns de discussão do projecto Galanet. <i>Silvia Melo-Pfeiffer y Maria Helena de Araújo e Sá</i> .....	517
Imagens/Representações de alunos no final de escolaridade obrigatória em Portugal acerca da língua espanhola. <i>Ana Raquel Simões, Susana Senos, Maria Helena de Araújo e Sá</i> .....	539
Notas biográficas.....	557

# Nacionalismo e Mitologia nas relações entre Portugal e Espanha — a reflexão de Eduardo Lourenço

MARIA MANUEL BAPTISTA  
Centro de Línguas e Culturas  
Universidade de Aveiro — Portugal

## 1. INTRODUÇÃO

Sob o título *O Outro Lado da Lua* (2005) e inserindo-se numa já longa tradição de mútuo interesse, e até por vezes atração e sedução entre as culturas portuguesa e espanhola, coligi em 2005 um conjunto de 10 ensaios de Eduardo Lourenço, que se encontravam espalhados por publicações dispersas e nos quais reflectia o ensaísta português sobre as relações entre Espanha e Portugal.

Tem de particular a visão lourenciana que neste volume se desenha a partir dos ensaios recolhidos, o facto de integrar a identidade cultural ibérica numa mais vasta comunhão com a cultura europeia (uma certa Europa, diga-se). Fugindo ao discurso hiper-nacionalista, ou anti-nacionalista, em que a temática Ibérica se tem colocado, em Portugal como em Espanha, e subtraindo a sua reflexão a regionalismos ou questões hoje pouco relevantes de anexação política (fantasma nunca suficientemente expurgado do inconsciente nacional), Eduardo Lourenço apresenta-nos uma reflexão provocante e lúcida, fruto também do seu pessoal e específico enraizamento ibérico-europeu.

Vivendo hoje no centro da Europa (no seu coração francês), nasceu há mais de 80 anos numa pequena aldeia da fronteira, S. Pedro de Rio Seco, «a minha aldeia sem história de ouro e sangue, navio encailhado na meseta hispânica» (Lourenço, 2005, p.48). Enraizado num certo hibridismo e numa quase sensação de dupla pertença, Eduardo Lourenço fala-nos de uma Cultura Ibérica que desde cedo tão naturalmente conheceu como sendo sua.

Numa entrevista que conduzi junto do filósofo nessa época, e que abre precisamente o volume a que me refiro, centrei-me especificamente no esclarecimento de al-

guns dos fios recorrentes da sua reflexão quando aborda a temática ibérica. Neste trabalho escolhi tratar a questão do Outro e a importância dos Míros na auto-representação identitária dos povos, especificamente nas imagens que circulam entre Portugal e a Espanha.

## 2. IDENTIDADES IBÉRICAS E A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO

Para Eduardo Lourenço o nosso outro imediato foi sempre a Espanha, apesar de comungarmos de uma mesmidade evidente, sobretudo ao nível do substrato cultural. Nas próprias palavras do ensaísta:

Não nos admiraria descobrir que muitas das coisas que nós pensamos serem típicas de Portugal e outras típicas de Espanha, afinal se revelassem como fazendo parte da mesma matriz cultural, no sentido lato, mas também do mesmo código cultural, num sentido mais específico. Quer dizer, as nossas temáticas filosóficas, a poesia, a ficção, etc., mesmo ignorando-nos uns aos outros, objectivamente acabam por desenhar ritórios muito próximos uns dos outros. (Lourenço 2005: 25)

Com efeito, e enquanto Outro, a Espanha nunca foi pura exterioridade, mas tratase antes de um Outro com o qual os portugueses por vezes co-habitam, desconfortavelmente, num espaço feito de memórias equívocas e ambíguas, de múltiplos e controversos tempos. Para pensar uma tal realidade apenas dispomos da nossa memória cultural e dos poderes da linguagem.

É por isso que, ao pensarmos a Espanha como um Outro, caímos frequentemente num discurso em que ele nos surge como o absolutamente diferente, o absolutamente exterior. Trata-se, no entanto, de um discurso que pretende, em primeiro lugar, exorcizar o Outro em nós, fechando-nos à possibilidade de o acolher no Eu, o que exigiria que nos transformássemos um pouco nele. Em vez disso, preferimos tomá-lo como um conceito, identificável e manuseável à nossa vontade, usando para isso uma pseudo-linguagem instrumental e uma análise dita científica, onde a memória cultural é curta e o discurso é redutor. Surge então o discurso estereotipado sobre Espanha e os espanhóis, onde pontua o célebre ditado português: 'De Espanha nem bom vento nem bom casamento...'

E, no entanto, de acordo com Eduardo Lourenço, «a Península no seu todo constitui efectivamente uma realidade aparte. [...] Nós estamos um pouco separados e, em parte, enfraquecidos por esse desconhecimento mútuo, que é relativamente recente» (Lourenço 2005: 25).

Na verdade, mesmo quando dizemos olhar o Outro de forma 'científica', queremos dizer que lhe estamos a descrever os valores, os sistemas políticos e económicos,

as estruturas sociais e de parentesco, os ritos e as crenças religiosas, a história militar, civil e diplomática ou do quotidiano e, no final, quem ficou intocado foi precisamente o Outro que para nós é uma realidade vivencial e simbólica, que assim queremos desnudar. Daí que não seja propriamente este o registo que nos interessa em primeiro lugar para compreender as relações, imagens e hetero-imagens que portugueses e espanhóis detêm uns dos outros.

Talvez que alguma luz se possa fazer sobre esta questão se compreendermos duplamente que cada um de nós (como cada cultura) é sempre um Outro para alguém e que o Outro nunca é a pura exterioridade, mas é feito de imanência, pois que só existe a partir do acto linguístico que o nomeia a partir da nossa própria memória cultural.

Assim acontece com as imagens de auto e hetero-representação de portugueses e espanhóis, pelo que aos portugueses só é possível falar de Espanha e dos Espanhóis através de si próprios, do que são e do modo como se representam. Não é, deste modo, descabido provocar a rotação do olhar e verificar que muitos dos discursos anti-espanholistas primários que, de quando em quando, circulam na Cultura Portuguesa, como uma espécie de um 'condicionamento pânico' de origem histórica, falam mais do que somos nós portugueses enquanto história e representação do que descrevem os espanhóis ou uma qualquer Espanha. Encontra-se nesse caso, por exemplo a percepção generalizadamente negativa que os portugueses recolheram da República a partir da Guerra Civil de Espanha. Nas palavras de Eduardo Lourenço,

quando Espanha escolhe a República e a Monarquia cai, precedendo a guerra de Espanha (em todo o caso foi uma das suas causas), houve muitos incêndios de igrejas e coisas desse género, o que alarmou a opinião pública católica, particularmente a nossa. Então, a partir daí, a República ficou com muito má imagem em Portugal, um Portugal do primeiro salazarismo já triunfante (Lourenço 2005: 20).

Ora, o que acontece, na opinião do autor, é que mais do que conhecer o Outro que é a Espanha para nós, o importante é verificar que ela «é, sobretudo um espelho para nós» (Lourenço 2005: 25). Mais do que isso, ela «é o outro lado da lua que faz parte de nós próprios, e onde vamos descobrir possibilidades de confronto, de contraste, etc., que à partida não suspeitávamos» (ibidem).

No fundo, é toda a questão que está mal colocada quando vista a partir de uma exterioridade pura, pois a questão do Outro terá sempre que passar pela questão do Eu; e mesmo que a língua não nos pareça estranha (nós que falamos tão facilmente uma espécie de 'portunhol') ela exige escuta e aprendizagem; conhecer a memória cultural do Outro é também a via que nos pode permitir aceder não ao Outro como um em si, mas a outros mundos, que a linguagem, na sua historicidade e densidade ontológica, constitui e continua a constituir.

o problema é que a história portuguesa é toda ela uma espécie de milagre, não no sentido do discurso conservador e tradicional, mas uma espécie de milagre num outro sentido: como é que um país tão pequeno pôde conservar a sua autonomia política durante tantos séculos? (Lourenço 2005: 27)

É claro que um tipo de análise deste género não tem propriamente 'validade científica', como se lhe tem exigido, pois que carece, para além de outros critérios, de 'representatividade' estatística. Na verdade trata-se propriamente de filosofia, ou mais especificamente, hermenéutica da cultura, que não deixa de supor uma metodologia rigorosa e um conhecimento dos seus próprios limites. Apenas que, desde então, a sua hermenéutica foi cada vez mais 'mítica', ou por outro lado, 'mitificante'.

Com efeito, na obra que Eduardo Lourenço considera ser a reatualização do *Labirinto da Saudade*, intitulada *Portugal como Destino* (publicada em 1999) o filósofo insiste decididamente na necessidade de assumirmos os nossos próprios mitos como parte da nossa identidade mais profunda e através deles compreendermos a relação que mantemos connosco próprios e com os outros.

Ora, a consideração da mitologia portuguesa que se refere a Espanha e aos espanhóis é vasta e muito significativa. Eduardo Lourenço refere vários exemplos e momentos específicos em que ela surgiu na Cultura Portuguesa (com particular ênfase para a perda da independência portuguesa, na sequência dos traumáticos acontecimentos de 1580, que de imediato deram fama aos versos do poeta de Francoso) e mostra como essa mitologia não desapareceu do mais recente inconsciente coletivo dos portugueses, que nos últimos anos vêm temendo uma espécie de 'conquista económica lenta e surda' de Portugal pelo poderio económico de Espanha.

Na realidade, de acordo com o autor, a perda da independência de Portugal em 1580 e os 60 anos que se lhe seguiram não podem esconder o facto de que

o monarca é realmente o mesmo [...] com dois nomes diferentes, portanto não se perdeu a independência política no sentido moderno do termo. Nem os espanhóis vieram instalar-se aqui no sentido moderno. É como se o mesmo monarca tivesse duas casas diferentes (Lourenço 2005: 25).

A mitologia cultural portuguesa compraz-se no entanto num exacerbamento do sentido nacionalista que, por essa época, começa a equivaler a anti-espanholismo:

podia imaginar-se que aqueles sessenta anos ficassem *a posteriori* na nossa alma como qualquer coisa que nunca mais havia de se repetir, mas continuaram a fazer-se casamentos reais como os outros que tinham levado exactamente à situação que impôs Felipe como herdeiro natural da coroa portuguesa (ibidem).

Daí que o desafio hoje seja escutar e conhecer o Outro Espanhol na sua diversidade (compreendendo desde logo que há muitas 'espanhas' e diversas entidades espanholas, e não apenas uma), na sua pujança e poderio atual no contexto europeu e mundial, e olhá-la, como muito bem sublinha Eduardo Lourenço (Lourenço 2005: 37), sem ressentimentos ou nacionalismos exacerbados, que não são mais do que a patologia do natural sentimento de patriotismo.

Nas palavras do ensaísta,

não se trata já de uma competição guerreira [...]. É uma questão de nível, de se saber se nós acompanhamos ou não o ritmo que a Espanha está agora a impor aqui à vida Peninsular no seu conjunto. A questão é a de saber se nós somos apenas uma espécie de província, ou um parceiro com tendência a provincializar-se, em relação a esse centro que é realmente poderoso, ou se, pelo contrário, somos um 'partenair' que, dentro da nossa exiguidade tem capacidade de contribuir para o todo Peninsular e fazer realmente boa figura neste conjunto (Lourenço 2005: 27).

Em suma, no contexto Peninsular, a nossa questão com a Espanha é em primeiro lugar uma questão connosco mesmos. Ou, nas palavras do filósofo,

a grande questão cultural que temos hoje — embora em termos diversos e até na aparência, opostos aos de outros — não é com o *outro* em geral, e o espanhol, o francês ou o americano em particular. A grande questão [...] é connosco mesmo enquanto sujeitos e actores de uma Cultura que *no seu espaço natural de irradiação* — o que fala efectiva ou possível em língua portuguesa — não alcançou nunca aquela visibilidade e presença que a cultura espanhola ostenta (Lourenço, 2005, p.83).

### 3. MITOLOGIA E IDENTIDADE: OS CASOS DE PORTUGAL E ESPANHA

Eduardo Lourenço é um autor sobejamente conhecido a nível europeu e peninsular, pelo menos desde que, em 1978, publicou em Portugal o seu *Labirinto da Saudade* que incluía uma equívoca e paradoxal 'psicanálise mítica do destino português'. A utilização do paradigma e da linguagem psicanalítica tornaram-no então 'vítima' daquilo que é a receção mais comum ao discurso psicanalítico em geral, quer dizer, acusado de falta de rigor científico e até psicanalítico. Haviam esquecido os seus críticos o quanto a qualificação de 'mítica' que esta *sui generis* 'psicanálise' levava apenas lhe mudava inteiramente o sentido e os resultados a que a sua brilhante escrita enfaística e arguto pensamento o conduziram.

Com efeito, é no registo mítico que começa precisamente por colocar a questão da identidade portuguesa, partindo do facto original e fundador da sua separação do contexto peninsular:

Ora uma tal contradição entre os discursos e os factos revela simplesmente que, apesar da desconfinança que estes 60 anos trouxeram aos portugueses quando representam os espanhóis, não houve nem há um 'abismo' entre os dois países peninsulares e agora, ainda segundo Eduardo Lourenço «os nossos fantasmas actuais são do mesmo género, não têm consistência» (Lourenço, 2005, p.26).

E, no entanto, Eduardo Lourenço tem sido acusado de estimular a mitologização da compreensão do nosso passado histórico, o que em si nem sequer é falso. É que um tal apelo à re-mitologização da História tem sido fonte de inúmeros equívocos da crítica. Com efeito, tem-se acusado Lourenço de contribuir para uma visão ainda mais mitológica (entenda-se, distorcida) da História de Portugal, acrescentando mitos aos mitos, contribuindo para uma alienação crescente de um imaginário português que já de si, tal como o próprio Lourenço afirma, sofre de patologias e distorções várias (Costa, 1978 e Marques, 1979).

Pelo contrário, outros críticos têm aproximado Lourenço de uma via de compreensão mítico-simbólica do destino português, do género daquela que entre nós seria representada por António Quadros e Agostinho da Silva, entre outros (Real, 1998, Carvalho, 2000).

A dificultar ainda mais o discernimento da posição hermenéutica de Lourenço face a esta questão encontra-se o facto de o filósofo se apoiar sistematicamente em autores portugueses (no caso, Pascoas e Pessoa) que constituem fonte de inspiração perene para essa linha de leitura esotérica e mística do 'ser português', que continua a inspirar o movimento da 'Filosofia Portuguesa'.

É neste contexto, paradoxal e ambíguo, que podem ser compreendidas as afirmações do ensaísta que considera os portugueses

mais naturalmente cosmopolitas do que os espanhóis. E mais *up to date*; estamos sempre *a la page*. [...] Talvez se possa dizer que Espanha tem uma espécie de fundo, de força, de autenticidade maior, mas é menos lúdica do que os portugueses, que esses estão sempre, ou gostariam de estar, na 'crista da onda', estar a par' (Lourenço 2005: 33-34).

Mas, apesar disso, a matriz é sempre idêntica:

[...] temos estes fundos comuns aos nossos países. É um facto que nós temos o mesmo tipo de sociedade que tem este particular fundo católico, militante [...]. Durante séculos a militância católica foi a de Portugal e a de Espanha e ponto final. Na Europa e no Mundo. [...] Não há aqui outras matrizes para além destas. Mas isto é uma coisa que dá a Portugal e a Espanha uma identidade simbólica e real singular (ibidem).

Por outro lado, e aprofundando ainda o paradoxo, o ensaísta considera que, no contexto desta particular mitologia peninsular que entre Portugal e Espanha se desenvolve, a cultura mais quixotesca, do ponto de vista coletivo, seria a portuguesa, particularmente no nosso tempo de ouro dos Descobrimentos:

Portugal é quixotesco colectivamente [...] Por exemplo, Afonso de Albuquerque era um funcionário do Rei. Se o Rei se lembra aqui, a milhares de quilómetros de distância de dizer que não está contente, ele morre de tristeza. Isto é singularmente português. Cortez não: vai sozinho, contra as ordens do governador que ele devia respeitar, porque é a lei, e vai invadir um continente que ele não sabe o que é [...]. Ele destrói aquilo para depois o oferecer ao rei e ficar por lá. [...] Na história de Castela há uma violência nessa época que Portugal nunca conheceu. A nossa violência é uma violência oficial (Lourenço 2005:35).

E foi porque Albuquerque não conseguiu, a partir de certa altura prosseguir os seus objectivos económicos e comerciais sem se lançar na conquista estratégica de certas praças que Portugal passa a exercer uma violência ao serviço de um projecto absolutamente quixotesco, pois de facto, não tem meios para o levar a cabo. E o que nos aconteceu de mais quixotesco ainda foi o Brasil, conclui Lourenço.

Nesta linha, não é de admirar o facto de o ensaísta considerar existir também uma identidade Ibérica no Continente Americano, pois também aí a Espanha, vista precisamente como 'o outro lado da lua' por Eduardo Lourenço, partilha dos mesmos valores e atavismos éticos e civilizacionais.

Apesar da diversidade, temporal e temática, destes ensaios, há um núcleo consistente na reflexão ibérica de Eduardo Lourenço: longe de defender que Portugal, Espanha e a América do Sul deveriam constituir «uma sola nación intercontinental» (como pugnou Clarín) o ensaísta português chama a atenção, na senda de Unamuno e Pessoa, para o desconhecimento mútuo e a influência adversa de outras nações e culturas a quem o projeto de uma Ibéria a uma só voz não interessa, nem nunca interessou.

Crítico, quer do nacionalismo xenófobo, quer das teses de um federalismo político, o ensaísta defende a intensificação da comunicação entre Portugal e Espanha e o aprofundamento de uma abordagem não só Peninsular, mas também a procura da possível 'ibericidade' americana, temática que aliás elabora excepcionalmente num dos seus livros mais recentes, *A Morte de Colombo* (2005), mas cuja análise está fora do âmbito do presente trabalho.

Não resistimos no entanto, a terminar este nosso estudo sem citar um excerto, ainda que um pouco longo, de um belíssimo texto de Eduardo Loureço, intitulado

«Espanha e Nós» e que nos parece particularmente feliz no desenho de uma síntese sobre as relações, imagens e mútuas representações entre Portugal e Espanha:

Colombo? Dias? Gama? Cabral? Ótimo. Se calhar, acaso o maior de todos, o mais solitário, aquele que não pôde realizar o seu sonho dentro de casa, por tão desmedido, não será celebrado, nem cá, nem lá. Camões já lhe compôs o epítáfio. Chamou-lhe até desleal, embora português no feito. Não sei quem foi o astrónomo que baptizou uma constelação com o nome de Magalhães — convertido assim em emigrante astral — e assim reparou com acréscimos o erro e a fortuna adversa. Que se saiba é o único português cujo nome está inscrito na esfera celeste. Bem o merece. Sonhou o mais louco e o mais realista dos sonhos. Foi o primeiro homem a saber com a sola dos pés que a Terra era redonda. Que o começo e o fim da nossa viagem peninsular coincidiam e o mundo era um só. Já é tempo de o reconhecer e proceder em tudo como se o soubermos. Que mais ecuménica e fraterna revelação? (Loureço 2005: 65).

## BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1968): *Estruturalismo: Antologia de Textos Teóricos*, (trad. Maria Eduarda Reis Colares; António Ramos Rosa; Eduardo Prado Coelho), Vol. 24, Problemas, Lisboa, Portugália Editora.
- Baptista, Maria Manuel (2000): “Da Cultura Europeia à Lusofonia: Pensar o Impensado com Eduardo Lourenço”, *V Congresso Internacional de Língua, Cultura e Literatura Lusófonas: Galiza, Portugal, Brasil e Palop, Faculdade de Ciências Económicas – Universidade de Santiago de Compostela, 13 a 15 de Setembro de 2000*, L. Fontenla, Santiago de Compostela, Irmandade das Falas de Portugal e da Galiza.
- \_\_\_\_\_ (2003): *Eduardo Lourenço: A Paixão De Compreender*, Porto, ASA.
- Carrilho, Manuel Maria (1989): *Elogio da Modernidade - Ideias, Figuras, Trajectos*. Lisboa, Editorial Presença.
- Costa, João Bénard da, António José Saraiva (1978): “Notas à Margem”, *Raiz e Utopia*, pp. 20-23.
- Carvalho, Paulo Archer de (2000): *Duas Viagens - Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço: da Circumnavegação na História e do Destino da Cultura Portuguesa*, Coimbra, Edição do Autor.
- Foucault, Michel (1983): “Structuralism and Post-Structuralism,” *Telos* 16, pp. 195-211.
- Franco, António Cândido (2001): “A Questão da Crítica - Réplica a Eduardo Prado Coelho”, *J.L.- Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 18 de Abril, pp. 22-23.

Gil, José (1996): “O Ensaísmo Trágico”, *O Ensaísmo Trágico de Eduardo Lourenço*, in José Gil, Fernando Catroga, Relógio D'Água, pp. 7-27.

Grácio, Rui Alexandre (1995): “A Noção de Fenómeno em Husserl e Heidegger”, *Caderno de Filosofias*, n.º 9, pp.17-84.

Heidegger, Martin (1980): *Carta Sobre o Humanismo* (trad. Pinharanda Gomes, Arnaldo Steiner), 2.ª ed., col. Filosofia e Ensaio, Lisboa, Guimarães Editores.

\_\_\_\_\_ (1991): *El Ser y el Tiempo* (trad. José Gaos), 8.ª ed., Madrid, Fondo de Cultura Económica.

Husserl, Edmund (1976): “La Crise de L'Humanité Européenne et la Philosophie”, *La Crise des Sciences Européennes et la Phénoménologie Transcendantale*, J-P Sartre e P. Verstraeten, Paris, Ed. Gallimard, pp. 347-383.

\_\_\_\_\_ (1976): *La Crise des Sciences Européennes et la Phénoménologie Transcendantale* (trad. G. Granel), J-P Sartre e P. Verstraeten, 3.ª ed., Bibliothèque de Philosophie, Paris, Ed. Gallimard.

\_\_\_\_\_ (1970): *L'Idée de la Phénoménologie - Cinq Leçons* (trad. Alexandre Lowit, Jean Hyppolite, Épiméthée, 2.ª ed., Paris, PUF.

Kaelin, Eugene F. (1999): “A Estética de Paul Ricoeur: Sobre como Entender uma Metafora”, *A Filosofia de Paul Ricoeur - 16 Ensaio Críticos e Respostas de Paul Ricoeur aos seus Críticos*, Lewis Edwin Hahn (dir), Lisboa, Instituto Piaget, pp.161-185.

Loureço, Eduardo (1999): “A Chama Plural”, *A Nau de Ícaro, seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva, pp. 121-124.

\_\_\_\_\_ (1984): “Cultura e a Realidade Nacional ou uma Querela Sem Sentido”, *Ocasionais I / 1950-1965*, Lisboa, A Regra do Jogo, Edições, pp.19-23.

\_\_\_\_\_ (1999): “Da Língua como Pátria”, *A Nau de Ícaro, seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva, pp. 125-133.

\_\_\_\_\_ (1999): “Da Saudade como Melancolia Feliz”, *Portugal como Destino, seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, pp. 113-117.

\_\_\_\_\_ (1994): “Da Verdade Prática”, *O Canto do Signo - Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Editorial Presença, pp. 24-27.

\_\_\_\_\_ (1997): “Du Temps Portugais”, *Mythologie de la Saudade. Essais sur la Mélancolie Portugaise*, Paris, Ed. Chandeigne, pp.7-15.

\_\_\_\_\_ (1994): *A Europa Desencantada - Para uma Mitologia Europeia*, Lisboa, Visão.

- \_\_\_\_ (1987): *Heterodoxia I e II*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (1951): "Ideia de uma Historiografia Existencial do Pensamento Português", *Unicórnio*, pp. 38-44.
- \_\_\_\_ (1979): "Le Labyrinthe de la "Saudade"", *Esprit*, n.º 25, pp. 58-61.
- \_\_\_\_ (1991): *L'Europe Introuvable. Jalons pour une Mythologie Européenne*, (trad. Annie de Faria), Paris, Métailié.
- \_\_\_\_ (1997): *Mythologie de la Saudade. Essais sur la Mélancolie Portugaise*, (trad. Annie de Faria), Série Lusitane, Paris, Ed. Chandeigne.
- \_\_\_\_ (1999): *A Nau de Ícaro, seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva.
- \_\_\_\_ (1997): *Nós Como Futuro*, Col. Cadernos do Pavilhão de Portugal EXPO 98, Lisboa, Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (1988): *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, Col. Temas Portugueses, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- \_\_\_\_ (1998): *O Esplendor do Caos*, Lisboa, Gradiva.
- \_\_\_\_ (1976): *O Fascismo Nunca Existiu*, Participar, Lisboa, D. Quixote.
- \_\_\_\_ (1978): *O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, D. Quixote.
- \_\_\_\_ (2000): "Para Uma Revisitação Improvável", *O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Gradiva, pp. 11-15.
- \_\_\_\_ (1999): *Portugal como Destino, seguido de Mitologia da Saudade*, (trad. Maria do Rosário de Morais Vaz), Lisboa, Gradiva.
- \_\_\_\_ (1999): "Portugal Como Destino. Dramaturgia Cultural Portuguesa", *Portugal como Destino, seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, pp. 7-83.
- \_\_\_\_ (1999): "Portugal Neste Fim de Milénio", *A Nau de Ícaro, seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva, pp. 73-84.
- Magalhães, Rui (1996): *Post Scriptum - Escritos sobre o Sentido*, Ensaio - Filosofia, Braga - Coimbra, Angelus Novus.
- Marques, António (1979): "Psicanálise Mítica E Autognose", *Diário de Notícias - Suplemento Cultura*, 22 de Fevereiro, pp. 17-18

- Merleau-Ponty, M., (1998): *Elogio da Filosofia*, (trad. António Braz Teixeira), Col. Filosofia e Ensaio, Lisboa, Guimarães Editores.
- \_\_\_\_ (1947): *Humanisme et Terreur*, Essais, Paris, Gallimard.
- \_\_\_\_ (1960): *Le Visible et L'Invisible*, Paris, Gallimard.
- \_\_\_\_ (1967): "O Homem e a Adversidade", *O Conhecimento do Homem no Século XX*, Lisboa, Publicações Europa-América, pp. 57-81.
- Mongin, Olivier (1997): *Paul Ricoeur, As Fronteiras da Filosofia*, (trad. Armando Pereira da Silva), vol. 37, Lisboa, Instituto Piaget.
- Paisana, João, (1992): *Fenomenologia e Hermenêutica - A Relação entre as Filosofias de Husserl e Heidegger*, Vol. 127, Biblioteca de Textos Universitários, Lisboa, Editorial Presença.
- Pereira, Miguel Baptista, (1988): "Presença da Filosofia Antiga no Pensamento Contemporâneo", *As Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do Universal - Actas do Congresso Internacional*, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra, IECFLC e Livraria Minerva, pp. 209-309.
- Real, Miguel (Luís Martins) (1998): *Portugal, Ser e Representação*, Lisboa, Difel (Prémio de Revelação APE/IPLB 1995).
- Ricoeur, Paul (1965): *De l'Interprétation. Essai sur Freud*, Paris, Ed. du Seuil.
- \_\_\_\_ (1991): *Ideologia e Utopia*, Lisboa, Edições 70.
- \_\_\_\_ (2000): *La Mémoire, L'Histoire et L'Oubli*, L'Ordre Philosophique, Paris, Ed. du Seuil.
- \_\_\_\_ (1975): *La Métaphore Vive*, Paris, Ed. du Seuil.
- \_\_\_\_ (1969): *Le Conflit des Interprétations: Essais d'Hermeneutique I*, Paris, Ed. du Seuil.
- \_\_\_\_ (s/d): *A Metáfora Viva*, Lisboa, Rés.
- \_\_\_\_ (s/d): *O Conflito das Interpretações*, (trad. M. F. Sá Correia), Lisboa, Rés.
- \_\_\_\_ (1990): *Soi-Même Comme un Autre*, L'Ordre Philosophique, Paris, Ed. du Seuil.
- \_\_\_\_ (1983): *Temps et Récit I*, Paris, Ed. du Seuil.
- \_\_\_\_ (1984): *Temps et Récit II - La configuration dans le Récit de Fiction*, Paris, Ed. du Seuil.

- \_\_\_\_\_ (1985): *Temps et Récit III - Le Temps Raconté*, Paris, Ed. du Seuil.
- Santos, José Henrique (1973): *Do Empirismo à Fenomenologia - A Crítica Anti-psicologista de Husserl e a Ideia da Lógica Pura*, col. Filosofia, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia - Braga.
- Sartre, Jean-Paul (1943): *L'Être et le Néant*, Paris, Gallimard.
- Seabra, José Augusto (1972): "Alberto Caeiro ou le Degré Zéro de la Poésie", *Sil-lages*, n.º.1., pp. 31-56
- Simões, João Gaspar (1983): "Heterodoxia II", *Crítica V - Críticos e Ensaístas Contemporâneos (1942-1979)*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 547-551.
- \_\_\_\_\_ (1983): "Pessoa Revisitado, Leitura Estruturante do Drama em Gente", *Crítica V - Críticos e Ensaístas Contemporâneos (1942-1979)*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 556-561.
- \_\_\_\_\_ (1983): "Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista", *Crítica V - Críticos e Ensaístas Contemporâneos (1942-1979)*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 552-556.